

JUSTIÇA CIDADANIA &

CONSTITUIÇÃO
PUBLICA FEDEI... DO BRASIL

Nº 78 JANEIRO DE 2007



DESEMBARGADOR MURTA RIBEIRO

GESTÃO TRANSPARENTE

Editorial: "ELES NÃO SÃO GENTE, SÃO MONSTROS"

DIPLOMACIA PARTICIPATIVA

Márcia Freire

Embaixadora voluntária na Bélgica

ARQUIVO JC



Márcia recebendo seu título de embaixadora voluntária das mãos do embaixador Jerônimo Moscardo, na Bélgica.

O embaixador Jerônimo Moscardo, ilustre figura da cultura e da diplomacia brasileira, ultrapassou, há muito, os limites territoriais e culturais deste país que o viu nascer e do qual ele tanto se orgulha, defende e promove.

Homem de cultura, diplomata, advogado, extremamente interessado e conhecedor dos aspectos sociológicos e antropológicos, *Master of Arts* em Ciência Política, hábil negociador de tratados e acordos internacionais, suas atividades e contribuições profissionais e pessoais refletem o carisma de alguém que busca, continuamente, melhorar o mundo que lhe foi dado para viver.

Antes mesmo de completar seus vinte anos, recebeu do Ministério de Educação e Cultura um prêmio por sua dedicação e conhecimento na área de história, que o levou à Europa, continente cuja cultura lhe serviria de modelo e estímulo de crescimento e sabedoria.

No início de sua carreira diplomática, recebeu o título de “Cavaleiro da Ordem da Coroa”, outorgado pelo Reino da Bélgica. Poucos anos depois, representou o Brasil na missão junto às Nações Unidas, em Nova Iorque. Em seguida, ocupou posto de destaque na delegação junto à ALALC, em Montevidéu.

Após vários postos de chefia na estrutura interna das divisões do Ministério das Relações Exteriores,

“SOMENTE ALGUÉM ASSIM, COM ESTA VIVÊNCIA E PERCEPÇÃO CULTURAL ABERTA E ECLÉTICA, PODERIA SERVIR DE CATALISADOR E ACELERADOR VITAL TÃO ALTAMENTE EFICAZ.”

entremeadas por promoções por merecimento, o encontramos em posições de liderança na delegação junto à Organização de Estados Americanos (OEA), em Washington.

Em seguida, esteve na Embaixada brasileira em Moscou, a outra capital planetária do mundo bipolarizado da época, como conselheiro e encarregado de negócios.

Em seu retorno ao Brasil, assumiu a chefia da Divisão e do Departamento Europa e da Assessoria Parlamentar do MRE, recebeu a Ordem do Mérito – e o título de Comendador – Militar, Aeronáutico, Naval e das Forças Armadas.

Nomeado embaixador brasileiro na Costa Rica, recebeu, durante esse período, a Grã-Cruz da Ordem do Rio Branco. No início da década de 90, foi sucessivamente Embaixador na delegação junto à ALADI, em Montevideu, Ministro de Estado da Cultura e Embaixador junto à UNESCO, em Paris.

Assumiu, em seguida, a Embaixada brasileira na Romênia, período que se caracteriza por uma prolífica gestão dos negócios e interesses do país naquelas terras, e, principalmente, por uma aproximação cultural sem precedentes baseada na latinidade da história respectiva de nossos países. Estreitam-se os laços, cria-se visibilidade para os pontos comuns e de influência mútua, criam-se sinergias entre pontos de vista, posturas e iniciativas políticas e, sobretudo, culturais.

Somente alguém assim, com esta vivência e percepção cultural aberta e eclética, conhecedor do mundo, da filosofia, das idéias e do gênero humano representado por elas, generoso e disponível para os demais, poderia servir de catalisador e acelerador vital tão altamente eficaz.

Ao assumir a Embaixada na Bélgica, quis potencializar ainda mais o serviço a seu país. Entusiasmado pela vivência romena, Jerônimo pôs seu grande dinamismo e energia à disposição da comunidade brasileira.

Neste contexto, algumas iniciativas se destacam:

- abertura real da Embaixada e de seus serviços à comunidade brasileira residente na Bélgica e em Luxemburgo – independente de situação social, instrução, cor, credo e ou outros fatores –, aproximando-a e estimulando sua presença naquele pedaço de território brasileiro no exterior;
- transferência do serviço consular, o de maior interação com o público, para o andar térreo, em melhores instalações físicas, melhorando a qualidade do atendimento e a agilidade dos processos administrativos;
- criação da Casa do Brasil, com:
 - espaço cultural Darcy Ribeiro, utilizado para eventos semanais, seminários, fóruns, palestras, visitas de autoridades brasileiras, aos quais a comunidade correspondeu com sua presença e participação, sendo regularmente convidada;
 - galeria de arte Marco Antônio Vilaça para a exposição de obras de artistas brasileiros;
 - biblioteca com obras brasileiras e internacionais disponível ininterruptamente.
- criação da diplomacia participativa, conceito que reconhece a necessidade de contar com a experiência e a vivência dos cidadãos residentes no exterior, para melhor representar o país e eles mesmos, estabelecendo uma relação mais sólida e próxima com a sociedade civil da terra que os acolhe. Esse elo de ligação entre a diplomacia institucional e a sociedade foi exercido por um grupo de embaixadores

ARQUIVO JC



Embaixador J. Moscardo recebendo a comenda do Rei Albert II da Bélgica

voluntários – elementos destacados da comunidade escolhidos gradativamente e nomeados publicamente pelo próprio Embaixador Moscardo – que trabalharam na aproximação de Bélgica e Luxemburgo, pondo seu conhecimento a serviço da ação inovadora.

Certamente, uma das contribuições mais relevantes no âmbito geral de sua gestão, e, particularmente, no da diplomacia participativa, foi a iniciativa de propor e conduzir projeto de emenda constitucional, cujo esboço foi elaborado por juristas brasileiros residentes no

exterior e encaminhado a um dos maiores juristas brasileiros, Ives Gandra Martins, para elaboração jurídica final. Essa emenda dará direito à comunidade brasileira residente no exterior de eleger, dentre seus membros, aqueles que a representarão no Congresso Nacional. Dessa maneira, a comunidade brasileira residente no exterior disporá de representação política direta, fazendo-se ouvir e contribuindo para que as decisões legislativas sejam tomadas com ética, sabedoria, justiça e respeito ao cidadão que vive no exterior.

NOTA DO EMBAIXADOR

Dentre as pessoas que compuseram o quadro da diplomacia participativa, destacamos a atuação de uma brasileira que vive fora do Brasil há mais de 20 anos, na Bélgica, onde sempre atuou no campo da consultoria e assessoria internacional, dentro da área de formação gerencial de executivos, melhorando o nível de gestão empresarial, visando a identificar oportunidades, aproximando, facilitando e divulgando pessoas, profissionais e instituições dos dois países. Entre outros, cabe citar órgãos bilaterais de representatividade de classe, *joint ventures* comerciais e de serviços, eventos de promoção de entidades e empresas brasileiras na Bélgica e belgas no Brasil.

Comentei a seu respeito: “Conheci Márcia Freire ao chegar em Bruxelas, em 2003. Ela é uma empresária vitoriosa e consultora internacional bem estabelecida na comunidade belga.”

Em um mundo dominado pelo egoísmo sagrado, pela “lei de Gérson” e pelo salve-se quem puder, é difícil imaginar a existência de personalidades – oásis – como a de Márcia. No projeto bem-sucedido de mobilização da comunidade brasileira na Bélgica, Márcia Freire – como embaixadora voluntária – exerceu um papel aglutinador – sem o qual não teria vingado a extraordinária experiência da diplomacia participativa.

Destaco sua inestimável contribuição à articulação dos trabalhos da chancelaria em Bruxelas com a comunidade brasileira. Enfrentando o desânimo, a descrença, o cinismo, a preguiça e a má vontade de muitos, Márcia Freire estabeleceu as bases de uma comunidade de fraternidade, de solidariedade e de compaixão. Essa não é uma tarefa fácil, mas, ininterruptamente, Márcia luta em prol da manutenção da diplomacia participativa, tendo em vista seus inúmeros benefícios a favor da visibilidade da imagem positiva do Brasil no exterior.